

“os que são nossos inimigos”: o mesmo e o outro em *Cabeça de galinha no chão de cimento*, de Ricardo Domeneck¹

“those who are our enemies”: The Self and the Other in Ricardo Domeneck’s Cabeça de galinha no chão de cimento

Rodrigo Garcia Barbosa

Universidade Federal de Lavras (UFLA) | Lavras | MG | BR

rodrigobarbosa@ufla.br

<https://orcid.org/0000-0002-0775-0475>

RESUMO: Neste trabalho, propomos uma leitura de poemas de Ricardo Domeneck, presentes na coletânea *Cabeça de galinha no chão de cimento* (2023), explorando as relações de identidade e alteridade que surgem a partir da recuperação, pela memória, da infância e da família, e que envolvem o próprio *eu* do poeta. Para tanto, além de dialogar com parte da fortuna crítica sobre o poeta e sua obra, nos sustentamos principalmente na visada antropológica de Eduardo Viveiros de Castro (2018), que concebe uma “hipótese perspectivista” baseada em regimes ontológicos ameríndios. Ao final, reconhecemos que a conhecida aversão de Domeneck às dicotomias excludentes se aplica à coletânea selecionada, ao identificarmos a dissolução das fronteiras rígidas entre o *mesmo* e o *outro*, a partir da revelação das violências constituintes dos espaços e das comunidades que os poemas recuperam.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; memória; violência; Ricardo Domeneck.

ABSTRACT: This paper proposes a reading of poems by Ricardo Domeneck, collected in *Cabeça de galinha no chão de cimento* (2023), exploring the relations of identity and alterity that emerge from the recovery, through memory, of childhood and family, and that involve the poet’s own self. To this end, in addition to engaging with part of the critical scholarship on the poet and his work, we draw primarily on the anthropological perspective of Eduardo Viveiros de Castro (2018), who conceives a “perspectivist hypothesis” grounded in Amerindian ontological regimes. In closing, we recognize that Domeneck’s well-known aversion to exclusionary dichotomies applies to the selected collection, as we identify

¹ Este trabalho parte das reflexões desenvolvidas no âmbito do projeto “Dissonâncias no Atlântico de língua portuguesa: temporalidades, mentalidades e circularidade cultural entre Brasil, Portugal e Angola”, financiado pela Fapemig.

the dissolution of rigid boundaries between the self and the other, stemming from the revelation of the constitutive violences of the spaces and communities the poems recover.

KEYWORDS: Body; memory; violence; Ricardo Domeneck.

“sabemos que jamais temeste
o espelho
ou o reflexo e a reflexão-de-si
mas o aguardaste paciente
para consumir tua intrínseca vidobra”

(Ricardo Domeneck, “Defesa da mais famosa Górgona”)

1 Chamamento inimigo

A poesia de Ricardo Domeneck é marcada pela presença de elementos como o corpo e a memória, concebidos a partir da não aceitação de perspectivas dicotômicas que separam e excluem entre si o eu e o outro, o subjetivo e o objetivo, o lírico e o histórico. O próprio poeta evidencia essa concepção quando afirma:

Eu sempre fiz do questionamento de dualidades um dos pontos principais do meu trabalho. [...] É por isso que me interessa, unindo a temática amorosa com a quebra de dualidades, a noção de dissolução do EU no OUTRO. [...] Mais uma vez, retornamos ao que falávamos antes, sobre a dissolução do EU no OUTRO, nas dualidades pouco saudáveis que separam o subjetivo do objetivo, o concreto do abstrato, o corporal do espiritual. Tudo isso está ligado (Domeneck, 2010).

Disso resulta o que a crítica reconhece — a partir do título de seu primeiro livro, *Carta aos anfíbios* (2005) — como uma condição “anfíbia”, dual em sua capacidade de abarcar simultaneamente diferentes mundos, culturas e existências:

[...] nada mais avesso ao projeto poético de Ricardo do que o estabelecimento de tais divisões e hierarquizações, essa dicotomia entre o “alto” e o “baixo” na cultura, essa balança que coloca, de um lado, roqueiros e, de outro, filósofos e poetas. Se aceitarmos tais separações como válidas, já demos o primeiro passo para a incompreensão do que esse pequeno volume, não por acaso “anfíbio”, traz de inovador.

Para começar, a própria imagem do anfíbio presente no título, “habitante do duplo em unidade”, surge tanto da leitura de Mircea Eliade quanto do *Amphibian*, da islandesa Björk. Além disso, essas hierarquizações só podem soar estranhas para Ricardo, que, em Berlim, onde vive, alterna leitura de filosofia e

poesia com o trabalho como DJ em clubes noturnos. De certa forma, o grande recado dessa “carta” é a vontade anfíbia de superar as dicotomias obsoletas com que a mente ainda se resigna a trabalhar (Azevedo, 2006).

Presentes no primeiro livro, tais elementos persistem em *Cabeça de galinha no chão de cimento*, coletânea publicada em 2023, vencedora do Prêmio Jabuti e do Prêmio Literário da Biblioteca Nacional em 2024, na categoria poesia. Composto por trinta e seis poemas em sequência, sem divisões ou seções, o livro tem na memória sua linha de força mais evidente, em chave autobiográfica que recolhe a infância, a família e o lugar de origem implicados no corpo do próprio poeta: “A criança evocada pelo poeta em tantos poemas [...] é ele mesmo, Domeneck, revisto em sua infância interiorana como o membro mais frágil do clã familiar embrutecido” (Ribeiro, 2025). Por isso, esses elementos são as principais referências para o que reconhecemos como o encontro do “eu” com o “outro”, este replicado nos vários “outros” que se apresentam nos poemas, incluindo o próprio poeta que se vê; encontro que se dá a partir da condição “anfíbia” dessa obra, expressada por Domeneck como a “dissolução” dos elementos entre si — poeta, infância, família e espaço dissolvidos uns nos outros.

A partir desse reconhecimento, observaremos como nessa poesia se estabelece uma relação *eu-outro* baseada na rarefação das fronteiras que os separam, sem que isso resulte na completa anulação de suas diferenças, permanecendo uma tensão que transita entre identidade e alteridade, a proximidade e o distanciamento presentes nos poemas e que são, concomitantemente, constituintes dos seres neles contemplados. Tal proposição parte de um conjunto de versos extraídos do poema “A herança da coruja”, que compõe a coletânea, em que desponta a figura da avó materna, e se lê:

[...] Foi-se
então para o bairro dos mortos,
os que são nossos inimigos
— já nos alertavam os povos
originais da terra. A ladainha
de suas bocas é uma, só uma:
“Juntem-se a nós”. Há que
resistir ao chamado [...]
(Domeneck, 2023a, p. 40).

O trecho ilustra a perspectiva a partir da qual nossa leitura se desenvolve. Nela, a memória aparece como um fantasma a convocar para o passado, como os mortos a clamar: “Juntem-se a nós”. Por isso, a rememoração não é uma ação sem riscos; a evocação não é tranquila e inofensiva, mas cheia de rasgos, feridas abertas

pelas identificações e desidentificações que se produzem nos poemas. É preciso “resistir ao chamado”, mas Domeneck escolhe enfrentar os “nossos inimigos”, que são “nossos”, partes de “nós”. A expressão é rica em ambiguidade, pois, se por um lado estabelece a separação e o distanciamento daquilo que é antagônico, adversário, por vezes hostil, por outro contrapõe a noção de posse, de pertencimento, até de intimidade. Resulta, então, uma dimensão de inevitabilidade, tal como a da morte, a impossibilidade de resistir ao chamado da memória, já que ela convoca a um encontro consigo mesmo. Entretanto, este também é um encontro com a história dos corpos abarcados pela rememoração, que compõem uma comunidade que se distribui ao longo do tempo — temporalidades distintas que se reúnem na recordação. Portanto, os poemas de *Cabeça de galinha no chão de cimento* não se restringem à vida pessoal do poeta, à sua intimidade, mas alcançam também a coletividade em que ele se insere, da família à região, trazendo à tona um Brasil interiorano e interiorizado, recuperado em seu passado e em seu presente.

2 Uma condição ancestral

A família ocupa um lugar de destaque em *Cabeça de galinha no chão de cimento*, cujo título remete ao hábito da avó materna de matar galinhas para dar de comer à descendência, descrito em “Morticínio ancestral”:

Quando minha avó torcia o pescoço
dos frangos, não raras vezes
chegando a decapitá-los,
e os lançava ao chão frio de cimento
para aquela dança assustadora,
não havia em seu rosto
paixão, prazer ou pena.

Na escuridão escondida dentro do meio-dia,
aqueles morticínios eram os atos
mais honestos na violência
daquela casa e daquela infância.

Afogando na água fervente
os cadáveres sem cabeça
(que ficara de banda no quintal
interrogando seu Criador),
ela passava a depená-los, ágil,
qual fosse um gavião-pedregos
(Domeneck, 2023a, p. 27).

Há nesta rememoração da avó — na recuperação dos quatro avós, maternos e paternos, à memória de quem o livro é dedicado — mais do que o registro de uma imagem ou de um episódio da infância: o poema oscila entre a compreensão e o julgamento da ação praticada, a partir da indicação de ausência de “paixão, prazer ou pena” no rosto da mulher que executa os animais. Em vez de indiferença ou amoralidade, este verso e os que se seguem apontam para uma moral que não hesita entre a vida das galinhas e a fome da prole, que legitima o “morticínio” e o reveste de honestidade e inocência:

Como o cafuné do crânio da onça
no crânio da capivara,
ou o abraço anelar das garras do carcará
ao redor do corpo todo-torso da cobra,
nada naquela velha
era cogitado
para além da missão simples:
alimentar a prole.

Como todo animal que não questiona
a cadeia alimentar diante da fome,
minha avó foi o bicho mais inocente
da minha casa e da minha selva
(Domeneck, 2023a, p. 27-28).

Convivem no poema elementos distintos que, em acordo com a condição anfíbia dessa poesia, não se isolam, mas se conjugam, tornando-se simultâneos: a “escuridão escondida dentro do meio-dia”. As escolhas semânticas reforçam a “dissolução” desses elementos entre si, como nos termos utilizados para descrever os atos de predação praticados pela onça contra a capivara, pelo carcará contra a cobra — “cafuné” e “abraço” que confrontam o golpe com a carícia. Mas é preciso advertir que, se há inocência, não há ingenuidade: a leitura do poema não deixa espaço para a idealização da ação da avó (nem da onça e do carcará mencionados); não se justifica a execução dos frangos pela “boa intenção” de alimentar a família. A violência e as mortes dela decorrentes constituem o quadro de um sacrifício sem redenção: “as galinhas são vítimas sacrificadas, em rituais cotidianos e brutais, no altar da fome familiar” (Ribeiro, 2025); mas a elas não é reservado um lugar no panteão dos que se doam pelo bem alheio — “Afogando na água fervente os cadáveres sem cabeça”, são depenadas, enquanto o crânio descansa no “chão de cimento”. Se há um elogio, é à matriarca, que assume a tarefa de “manchar as mãos de sangue”, enquanto as “cachorras da casa”, as bocas afiadas e inúteis da família,

em contraste com a honestidade e a inocência da mulher, lavam as mãos. Então, inocência, honestidade e violência se entrecruzam em um movimento que as complexifica, não permitindo considerá-las de forma isolada e contrastante: como a morte, certas violências são inevitáveis e, por isso, mais honestas e inocentes; pelo menos quando comparadas à oportuna passividade daqueles que se beneficiam, mas não praticam a ação — outras violências, como a “violência daquela casa e daquela infância”, das “cachorras grandes e gordas”, que parasitam e assombram neste e noutros poemas da coletânea:

Mais do que os gatos e pombos,
mais do que os jabutis e coelhos,

com certeza

era mais inocente minha avó
do que as cachorras da casa,
aquelas cachorras grandes e gordas
com os dentes afiados — mas inúteis,

esperando também da mamífera-anciã
que manchasse ela as mãos de sangue
(Domeneck, 2023a, p. 28).

A rememoração é arriscada porque nela nada está pacificado: o retorno ao passado é o reencontro com a violência em diferentes dimensões; não só honestas ou desonestas, inocentes ou não, mas também privadas e coletivas, reencontro com outros e consigo. A memória acionada recupera um tempo em que a tensão é constitutiva das inter-relações, implicando todos os sujeitos envolvidos: está na relação entre a avó e o neto (que também inclui as galinhas), no ato de arrancar suas cabeças para “alimentar a prole”, que permanece como gesto de afeto; está no oportunismo das cachorras que também afeta o poeta até a memória. Tais inter-relações, afetivas e violentas, constituem uma rede, a comunidade que o poema recupera e na qual as separações *eu-outro* são diluídas pelas aproximações que o gesto memorialístico realiza, colocando em posição de equivalência os atores implicados, pelo menos no plano de suas associações. Isso fica evidente a partir do depoimento do próprio Domeneck ao apresentar o livro:

[...] [livro] no qual eu me debruço sobre um espaço geográfico específico do Brasil, com a sua cultura, com a sua linguagem, que é o que nós chamamos de interior, mas um interior aqui que se confunde de certa forma com o bioma do Cerrado, com algumas pitadas de Mata Atlântica e de Pantanal; e faz sentido trazer a pala-

vra bioma para essa conversa porque no livro eu discuto muito das nossas relações entre nós, as nossas relações humanas no âmbito religioso, no âmbito familiar, no âmbito político também, mas eu tento expandir isso também para nossas relações com outras espécies e também, de certa forma, comparando nossas relações com as relações internas das outras espécies. Isso é algo que é importante; tem sido importante para mim nos últimos anos (Domeneck, 2023b, transcrição nossa).

Ou seja, no poema em questão a ação da matriarca põe em evidência não somente os vários sujeitos nela implicados, mas principalmente as relações entre eles; seres da mesma espécie ou não, diferenciação diluída pelo exercício comparativo realizado, que coloca de um lado avó, onça e carcará; de outro, galinha, capivara e cobra; e entre eles a violência que sacrifica a presa pela sobrevivência do executor e de seus descendentes. Ao equivaler os gestos, a aproximação supera a convencional dualidade entre humanos e animais, inserindo-os em uma só comunidade, não apenas pelos paralelismos indicados (que, afinal, podem ser tomados em chave alegórica, meramente ilustrativa), mas também pelo fato de que os animais, como as galinhas e as cachorras, efetivamente compõem o cotidiano da família. O ponto em questão é que, mais do que semelhança, o que o poema propõe é a equivalência entre os sujeitos e suas ações, pois todos fazem parte da mesma comunidade, do mesmo universo, do mesmo “bioma”, nas palavras do poeta (a escolha dos animais mencionados, predadores e presas, reforça essa condição). Tal proposta assume uma visada antropológica que podemos aproximar do que Eduardo Viveiros de Castro (2018, p. 36-37) apresenta como uma “hipótese perspectivista”, que contrapõe “os regimes ontológicos ameríndios” àqueles “mais difundidos no Ocidente precisamente no que concerne às funções semióticas inversas atribuídas ao corpo e à alma”. Tal hipótese considera uma diferença na perspectiva a partir da qual se define o estatuto do humano e do não-humano: numa perspectiva eurocêntrica, caberia à presença da alma estabelecer a humanidade do corpo; numa perspectiva ameríndia, a alma é atributo de todos os seres, residindo no corpo semelhante o atributo da humanidade:

O etnocentrismo dos europeus consistia em duvidar que os corpos dos outros contivessem uma alma formalmente semelhante às que habitavam os seus próprios corpos; o etnocentrismo ameríndio, ao contrário, consistia em duvidar que outras almas ou espíritos fossem dotadas de um corpo materialmente semelhante aos corpos indígenas (Viveiros de Castro, 2018, p. 37).

Para nossa leitura, tal perspectiva interessa porque permite contrastar uma “*práxis europeia*”, que diferencia culturas “*a partir de um fundo corporal-material dado (a natureza)*”, com uma “*práxis indígena*”, que diferencia espécies “*a partir*

de um *continuum sócio-espiritual* dado ‘desde sempre’” (Viveiros de Castro, 2018, p. 38). Ou seja, ler o poema a partir dessa “perspectiva” nos permite organizar as relações entre os seres nele implicados, de modo que as diferenças convencionais entre humanos e não-humanos se dissolvem: o “*continuum sócio-espiritual*” alcança todas as espécies, todos os seres e, portanto, todos são potencialmente humanos, dotados de subjetividade, de capacidades sociais e espirituais. Não pretendemos com isso estabelecer algum tipo de vinculação formal e sistemática entre a obra do poeta e as ideias do antropólogo, mas tomar a teoria como referência para uma abordagem que congregue seres e espaços em uma unidade interacional compatível com as imagens produzidas, já que as relações de identidade e alteridade presentes no poema não se submetem às categorias convencionais, meramente baseadas em diferenças biológicas, mas se organizam em torno do reconhecimento de uma “alma” comum, permitindo colocar avó, onça e carcará em posição diversa das galinhas e das cachorras², por exemplo, embaralhando o que comumente se reconhece como *outro* e como *mesmo*.

O título do poema, “Morticínio ancestral”, favorece essa abordagem, ao estabelecer como elementos definidores do universo que os versos recuperam uma inter-relação necessária entre todos os sujeitos implicados, baseada nas violências descritas, em um espaço que não é neutro ou substituível, mas parte integrante — constituída e constituinte — dessas relações. Afinal, o termo “ancestral” desloca a questão de uma mera recuperação genealógica, no sentido mais limitado de uma descendência, para uma dimensão mais ampla que engloba o conjunto de fatores biológicos e culturais transmitidos pelo “*continuum sócio-espiritual*” mencionado. Assim, a violência não é um atributo da família, representada pela avó, mas parte integrante deste “bioma”, um vínculo entre seus habitantes, de qualquer espécie. Contudo, as posições dos sujeitos nesse espaço e suas relações não são idênticas: como já comentado, há uma marcada diferença entre a avó e as cachorras, entre as violências praticadas por elas, que implica uma espécie de julgamento moral no poema, ainda que velado. Portanto, a herança ancestral do morticínio define papéis diferentes para os atores desse espaço, a partir dos quais as relações de alteridade e identidade se definem. É o que concluímos ao retornarmos a Viveiros de Castro, que afirma:

A humanidade é a posição do congêneres, o modo reflexivo do coletivo, e como tal é derivada em relação às posições primárias de predador ou presa, que en-

² Isso não significa abolir as categorias *humano* e *não-humano*; afinal, como Viveiros de Castro observa, o “etnocentrismo ameríndio” também admite tal diferenciação, baseando-a, entretanto, não na presença ou não de uma alma, mas em uma equivalência corporal, perspectiva a partir da qual desenvolvemos nossa leitura.

volvem necessariamente outros coletivos, outras multiplicidades pessoais em situação de alteridade perspectiva. A semelhança ou congeneridade surge por suspensão deliberada, socialmente produzida, de uma diferença predatória dada; ela não a precede (Viveiros de Castro, 2018, p. 47-48).

O autor completa, em nota à citação destacada acima, que “‘Humano’ é o nome de uma relação e não de uma substância” (Viveiros de Castro, 2018, p. 47), o que desloca a percepção do *outro* e do *mesmo* de uma condição essencial constituinte (a presença ou não de uma alma herdada) para uma posição relativa nas dinâmicas que compõem a comunidade, ultrapassando com isso as identificações estabelecidas a partir das concepções biológicas convencionais. Coincidentemente ou não, tais posições são definidas, segundo o antropólogo, a partir das dinâmicas de predação, o que reforça a pertinência da aproximação que propomos entre teoria e poema. Assim, temos predadores e presas — avó e galinha, onça e capivara, carcará e cobra — cujas posições relativas são demarcadas por suas ações. Entretanto, como observa o antropólogo, “não há existente que não possa ser definido nos termos relacionais gerais de sua posição em uma escala relativa de potência predatória” (Viveiros de Castro, 2018, p. 45). Com isso, tais posições não são estanques, essenciais, mas definidas pelas dinâmicas em que esses seres se inserem: o predador de um pode ser a presa de outro. Nos permitimos, então, considerar a condição “anfíbia” desses seres, em sintonia com a poesia de Domeneck, o que não abole a existência de processos de identificação no poema, dos quais resultam inclusive avaliações positivas e negativas de ações e sujeitos. Disso resultaria a visão positiva sobre o gesto da avó, em sintonia com as dinâmicas do bioma em que ela se insere, corroborada pela analogia com outros predadores, “mamífera-anciã”: honesta e inocente; limpa, mesmo manchando as mãos de sangue. Resultaria também a visão negativa das “cachorras da casa”, “grandes e gordas”, cuja adjetivação, mais do que a aparência, parece designar o comportamento indiscreto, oportunista, de quem se coloca à margem do movimento para dele apenas extrair o que lhe convém: violência extrativista, aproveitadora, que em geral parece contaminar todos os animais domésticos (os gatos, pombos, jabutis e coelhos mencionados também parecem “da casa”, excluídos da dinâmica predatória, pelo menos como agentes). Por fim, resultaria também a visão ambígua sobre as galinhas (assim como a capivara e a cobra): corpos afogados e ferventes, cabeças abandonadas no chão, que interrogam “seu Criador”. Tal ambiguidade é acentuada nessa interrogação que confunde aquele que dá fim com o que dá origem, o que finda com o que inicia essas subjetividades reconfiguradas a partir do gesto sacrificial, composto por

morte e sobrevivência, morticínio e ancestralidade, e revestido de uma dimensão divina a partir do uso da letra maiúscula. Ambiguidade ainda mais acentuada se consideramos a volatilidade desse substantivo masculino e maiúsculo associado à avó, fenda ou fresta que atravessa o texto em direção ao próprio autor: o poeta, que também “ficara de banda no quintal”, como ilustra a dimensão memorialística dos poemas, inquietado por essa interrogação, ferida entre o *que vemos* e o *que nos olha* que confunde vidente e visível, o que vê e o que é visto, que engloba o ver e o ser visto vendo, momento em que a “a modalidade do visível se torna inelutável — ou seja, votada a uma questão do *ser*” (Didi-Huberman, 1998, p. 34), ato constituinte dos sujeitos dessas visões, que em suas diferentes perpspectivas se interrogam enquanto miram seu “Criador”.

Como observa Gustavo Silveira Ribeiro (2025) sobre a imagem que dá título ao poema: “ela fixa corpos vulneráveis num quadro em que o poeta, de algum modo, se projeta. Ele identifica-se com as galinhas (e com todos os seres que vivem o ciclo presa-predador, vítima-algoz)”. Assim, o olhar interrogante do poeta retorna ao passado para um exercício que, mais do que memória, é reconhecimento de si e dos outros; reconhecimento crítico que desvela a violência como a própria matéria do passado; reconhecimento trágico que, se não iguala todos os agentes envolvidos, nem por isso se desvia do que encontra: um morticínio ineludível e inevitável, em que todos, de uma forma ou de outra, são “nossos inimigos”, inclusive aqueles com os quais nos identificamos.

3 As exigências da memória

Ao comentar a obra de Proust, Walter Benjamin (1994, p. 37) adverte que “o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”. A relevância dessa observação para poemas como os de *Cabeça de galinha no chão de cimento* se evidencia a partir da dedicatória que abre a coletânea:

À memória de

Joan Domènech, avô paterno, analfabeto,
enfartado no cabo da enxada, morto mais
jovem do que sou hoje;

a José Cardoso, avô materno, analfabeto,
que ouviu a voz de Deus num alto-falante,
de quem herdei a coisa crônica;

a Conchetta Sciarra, avó paterna, analfabeta,
guardiã da romãzeira, do terço e do crucifixo,
de cabelos ruivos qual fogueira de São João;

a Rosária Balthazar, avó materna, analfabeta,
das veias de brinquedo, a pacífica, cozedora
dos bolinhos de chuva

(Domeneck, 2023a, p. 7).

Escrito em modo poético, o texto formalmente ressalta o paralelismo entre os quatro ancestrais homenageados, cada um recolhido em um terceto marcado pela construção anafórica do verso inicial, repetindo a fórmula que encadeia nome, parentesco e uma condição comum a todos: o analfabetismo. Tal condição contrasta com o próprio ofício do poeta, fundado na intimidade com a palavra escrita, e demarca uma diferença crucial entre os ancestrais e o descendente (apesar das afinidades genealógicas, como a “coisa crônica” herdada do avô materno). Assim se estabelece, de saída, a dinâmica anfíbia de identificações e desidentificações que temos rastreado em alguns poemas do livro, aqui manifestada na palavra escrita que, entretanto, é alheia àqueles sobre os quais se escreve.

Aleida Assmann (2011) apresenta um recorte relevante sobre as relações entre escrita e memória, nem sempre estáveis, às vezes contraditórias. Platão, por exemplo, teria dúvidas sobre a capacidade da escrita funcionar como auxiliar da memória, pois aquela não seria capaz de alcançar a “parte energética, produtiva e indispensável” desta (Assmann, 2011, p. 200), resultando apenas em sua exteriorização e trivialização. Shakespeare, por sua vez, representaria o otimismo renascentista em relação à escrita como conservação da memória, inclusive permitindo a externalização daquilo que, de outro modo, permaneceria “interno, fechado e inacessível” (Assmann, 2011, p. 203). Tal compreensão, em sintonia com as concepções de poetas clássicos, como Ovídio e Lucano (para os quais a poesia não imortalizaria somente os heróis, mas também os poetas que cantam seus feitos), confere à escrita da memória uma dupla face, que simultaneamente dá a ver o que é rememorado e aquele que rememora:

A escrita é no soneto de Shakespeare mais que um mero auxiliar. Em total oposição a Platão, ela não é representada como um *medium* técnico de anotação, mas como *medium* de autocomunicação, da relação dialógica consigo mesmo. Os pensamentos anotados, segundo a noção de Platão, vão de dentro para fora; só que com isso eles não se abrandam nem se tornam incompreensíveis; mais que isso, é só na externalização que possibilitam novas formas de encontro consigo mesmo e autoformação. A escrita não destrói o diálogo, ela possibilita um diálogo interno que perpassa longos intervalos de tempo. Para Platão uma escrita externalizada ocupa o lugar da

memória e, portanto, a destrói; para Shakespeare, ao contrário, uma escrita interativa estimula a memória. Desse modo, do veneno de Platão voltou-se a compor um medicamento para a memória (Assmann, 2011, p. 205).

A passagem é relevante pois reforça nossas perspectivas de leitura sobre os poemas de Domeneck, principalmente as que se abrem para o risco e a necessidade da memória. Ambos estão necessariamente implicados no analfabetismo dos avós, contrastado com o trabalho letrado do neto, e que faz coexistir também a proximidade e a distância: o gesto aproximativo de resgatar o passado pela escrita que, por isso mesmo, se afasta do que é resgatado por uma espécie de incompatibilidade com os atores envolvidos. Na Orelha do livro, Eduardo Sterzi reconhece tal contradição:

Esse analfabetismo não é um dado episódico, mas o núcleo mesmo do legado — que comporta, a um só tempo, a inevitabilidade, o desejo e a dificuldade de herdar — reivindicado ao longo dos poemas mais marcantes aqui reunidos. Afinal, como fica evidente ao longo da leitura, longe de ser simplesmente a forma de uma falta, o analfabetismo dos avós, para o neto poeta deslocado para o mundo das letras (e esse deslocamento, por mais que seja emancipador, comporta sempre alguma violência), é também a forma de uma sabedoria em certa medida perdida — ou, mais exatamente, de um conjunto vasto e heterogêneo de saberes e práticas lançados para as margens e para os avessos do presente pela torrente da modernização e, por isso mesmo, repetidamente invocados e reencontrados nos seus versos (Sterzi, 2023, Orelha).

Ou seja, o recordar pela escrita se revela problemático quando aquilo que se busca recordar se coloca fora, ou pelo menos distante, do horizonte contemplado pelo próprio instrumento da recordação; ou, para falarmos em chave antropológica, quando *medium* e objeto pertencem a “regimes ontológicos” diferentes, quando compartilham entre si a condição de serem íntimos adversários — como “nossos inimigos”. Com isso, o reconhecimento do mesmo explicitado na memória é confrontado com a emergência do outro já na escrita. Institui-se assim, na própria matéria dos poemas, uma instabilidade equivalente àquela anteriormente apontada, quando os estatutos de *humano* e *não-humano* foram embaralhados e ressignificados a partir do confronto entre esses dois “regimes ontológicos” (o fato de Domeneck ser um poeta letrado, que vive na Europa e de lá direciona seu olhar para o Brasil reforça tal ideia). A escrita da memória implica um distanciamento, se atentarmos para a concepção platônica, ao instituir um *outro* na tentativa de abarcar o *mesmo*; *outro* que, entretanto, já não está tão distante assim, pois, como observa o poeta inglês, implica necessariamente uma relação “consigo mesmo”.

De um lado temos a necessidade da escrita, explicitada, por exemplo, nos versos de “Os afazeres domésticos”:

É o nosso trabalho dizer agora que hão de
renascer o capim-cidreira, o boldo e a hortelã
para os rins, os fígados, os intestinos da família
morta já pela metade, ainda que se espargira sal
sobre a terra dos quintais tomados pelo agiota,
e o dizer em ritmo propício à canção de ninar.
[...]
É o nosso trabalho dizer que os avós sequestrados
d'além-mar hão de alforriar-se em nossos corpos
e que os antepassados deste lado do Atlântico
hão de reaver seus quinhões de terra preta,
e juntos, entre a hortelã, o boldo e o capim-cidreira,
de mão em mão as xícaras da saúde que nos elide
(Domeneck, 2023a, p. 11).

O “nosso trabalho” demarca essa exigência ética, pensada aqui não só como dever, mas também como constituinte do sujeito que se realiza na *práxis*, no próprio fazer (Barthes, 2004), justamente designado como “doméstico”, íntimo; trabalho de “encontro consigo mesmo e autoformação” que Assmann (2011) aponta na concepção shakespeariana sobre escrita e memória. Contudo, como já observamos, tal encontro não é pacífico, pois trata-se de um encontro simultaneamente *consigo*, com o *mesmo* e com o *outro*, com os abalos que esse exercício “anfíbio” da escrita provoca nas concepções dicotomicamente estáticas e estabilizadoras. Não é pacífico, também, porque em diferentes níveis esse é um encontro com a violência: desde a violência dos deslocamentos culturais, como observa Sterzi, ou mesmo “ontológicos”, se recorrermos novamente a Viveiros de Castro; até a violência presente na matéria de tudo o que é recordado, honestas ou não; presente, por exemplo, na “terra dos quintais tomados pelo agiota”, nova versão de antigos furtos historicamente praticados neste território, em que não se rouba apenas terras e quintais; violência dos corpos, do corpo, elemento fulcral na obra de Domeneck e nos poemas de *Cabeça de galinha no chão de cimento*. Afinal, para realizar o “questionamento de dualidades” que apregoa, para discutir “nossas relações” a partir do reconhecimento de um “bioma”, o poeta precisa incorporar perspectivas e pontos de vista, como explica o antropólogo: “a diferença entre os pontos de vista — e um ponto de vista não é senão diferença — não está na alma. Esta, formalmente idêntica através das espécies, só enxerga a mesma coisa em toda parte; a diferença

deve então ser dada pela especificidade dos corpos” (Viveiros de Castro, 2018, p. 65-66). Nesse caso, tais diferenças não se devem às variações fisiológicas, “mas aos *afetos* que atravessam cada espécie de corpo, as *afecções* ou encontros de que ele é capaz”, “um conjunto de maneiras ou modos de ser que constituem um *habitus*, um *ethos*, um etograma” (Viveiros de Castro, 2018, p. 66) — podemos retomar as afinidades entre a avó, a onça e o carcará apresentadas em “Morticínio ancestral”, por exemplo, assim como as galinhas, a capivara e a cobra; ou considerar que o capim-cidreira, o boldo e a hortelã que hão de renascer o farão para os rins, os fígados, os intestinos da família: seus corpos no que possuem de mais interior e íntimo. Por fim, uma exigência ética (a necessidade da memória) pois uma pulsão de vida, de renascimento e alforria dos seus e de si mesmo.

Tal condição, que vincula corpos e espaços, é ressaltada em versos do poema “Terra no corpo”, que retoma outro nível da árvore genealógica, agora o dos pais:

Uma história da terra
no próprio corpo.

Do pai, a porção
branca da carne,
ascendência registrada
em cartórios por tabeliães,
o sobrenome que retém
do avô a pronúncia catalã
de origem, ainda
que sua grafia se tenha
baralhado, e, da avó,
nomes de cidades
do passado, como certa
Campobasso, que tanto
poderia ser Atlântida.

Do pai, principalmente,
a possibilidade dos convites
às salas de jantar da casa-grande.

Da mãe, o tingir
castanho da pele
de gente cabocla
do interior, sobrenome
proletário de qualquer
zé-ninguém, e o passado
esquecido de ocas,
do estupro de mulheres
ameríndias e africanas
apagado e silenciado
pela história,
mas não pela carne.
A carne lembra-se
e lembra
(Domeneck, 2023a, p. 13-14).

Ao inscrever a “história da terra no próprio corpo”, Domeneck escreve a memória da família, do bioma, do país, recuperados em seus interiores, suas “intestinações”, do que resultam, marcadamente, imagens perturbadoras: desde as sutis violências que regem nossas relações de classe que, a partir da cor da carne, da ascendência, do sobrenome franqueiam a entrada nas “salas de jantar da casa-grande”; até as mais brutais agressões também constituintes dessas comunidades e espaços, também definidas a partir do tom da pele, do “sobrenome proletário”, da condição de ser mulher, principalmente ameríndia e africana; violências apagadas e silenciadas pela história, “mas não pela carne”. A carne, incorporada no *eu* que atravessa os poemas da coletânea, vive a simultaneidade dessas violações; transita, como um xamã, entre esses corpos, já que o “Xamanismo ameríndio pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais entre as espécies e adotar a perspectiva de subjetividades ‘estrangeiras’, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos” (Viveiros de Castro, 2018, p. 49), revelando-se o que o antropólogo define como uma “arte política — uma diplomacia”. Não pretendemos, com essa aproximação, atribuir aos poemas de Domeneck um caráter apaziguador, uma conciliação entre *mesmos* e *outros*: trata-se, na nossa leitura, de um reconhecimento das dinâmicas constituintes desses grupos e dos indivíduos a eles vinculados, nas quais em regra todos se situam como predadores e presas, iguais e diferentes entre si, incluindo o poeta que brada em “Chacota e chicote”: “Sim, declaro aqui em usucapião / que estas províncias / também são minhas” (Domeneck, 2023a, p. 57). Se é assim, também são dele as violências sutis e brutais, honestas e oportunistas, pois todas compõem o mesmo e trágico bioma que constituem mutuamente. Enfrentar esse “inimigo” é reconhecer e encontrar em si mesmo o outro, o que é alheio e o que é nosso.

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

AZEVEDO, Carlito. Uma vez humano sempre acrobata. *Germina: Revista de Literatura & Arte*, 2006. Disponível em: <https://www.germinaliteratura.com.br/resenha24.htm>. Acesso em: 30 abr. 2026.

BARTHES, Roland. *Inéditos: teoria*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. V. 1

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

DOMENECK, Ricardo. Entrevista para o jornal “O Estado de S. Paulo”, na íntegra. *Rocir-da Demencock*, 3 jan. 2010. Weblog. Disponível em: <http://ricardo-domeneck.blogspot.com/2010/01/entrevista-para-o-jornal-o-estado-de-s.html>. Acesso em: 30 abr. 2026.

DOMENECK, Ricardo. *Cabeça de galinha no chão de cimento*. São Paulo: Editora 34, 2023a.

DOMENECK, Ricardo. *O poeta Ricardo Domeneck apresenta seu livro....* São Paulo, 30 nov. 2023b. Instagram: @editora34. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C0SOumivAsd/>. Acesso em: 16 maio 2026.

RIBEIRO, Gustavo Silveira. Ricardo Domeneck faz a poesia dos corpos vulneráveis. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 jan. 2025. Pensar. Disponível em: https://www.em.com.br/pensar/2025/01/7037566-ricardo-domeneck-faz-a-poesia-dos-corpos-vulneraveis.html#google_vignette. Acesso em: 30 abr. 2026.

STERZI, Eduardo. [Texto de orelha]. In: DOMENECK, Ricardo. *Cabeça de galinha no chão de cimento*. São Paulo: Editora 34, 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.